



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



■ POR ZÁLIA ■



UM país muito distante do nosso lindo Portugal, e num sítio onde havia uma grande floresta, elevava-se um grande palácio acastelado, moradia de algum antigo senhor, que aí se tinha ido esconder, fugindo assim ao bulício das cidades. Actualmente moravam nele dois órfãos (José e João), entregues aos cuidados dum velho criado, que ajudara

a criar os pais dos pequeninos e os vira falecer muito novos.

Tinham sido estes meninos muito bem educados, mas faltava-lhes uma instrução sólida, pois o velhote pensava que, sendo os seus pupilos tão vivos, não precisavam mais do que ler e escrever. De que serviria maçarem-se as pobres crianças, se não necessitavam de trabalhar para seu sustento?

Um grande erro de que só mais tarde viu as consequências! José e João gostavam, como todas as crianças, de histórias e a sua ama sabia-as muito bonitas. Não faltavam príncipes encantados, feiticeiros e fadas. Se até na floresta havia génios!...

O bom velho, que os educara, também lhes dizia que havia génios na floresta e que, por essa razão, não deviam internar-se nela, de noite, porque, se estes os encontrassem, encantá-los-iam e não mais voltariam ao palácio.

Se estes meninos fossem mais instruídos, saberiam que não havia génios, fadas, papões, bruxas, etc., essas tolices em que só os ignorantes acreditam.

Mas os pobres pequenos, isolados como viviam e sem cultura, conveniam-se de que as histórias da sua ama

não eram mais do que narrações de factos passados em eras mais ou menos remotas.

Um dia, José, que contava dōze anos e era mais velho dois anos que João, disse ao mais novo:—E se nós fôssemos até á floresta, uma destas noites?

João, entre desejoso e receoso, observou:

—E os génios?

—Não nos fazem mal, acrescentou José; há génios bons e maus; na nossa floresta deve haver só bons, pois os nossos criados já lá teem ido de noite e nunca lhes aconteceu mal.

Abalado por esta razão, João aprovou o projecto do

(Continua na pag. 4)



A RAPOSA CASTIGADA

Por AUGUSTO DE SANTA RITA

DONA Cabrinha «Mé-mé»
com seus dois filhos bonitos,
(dois cabritos,
já se vê)

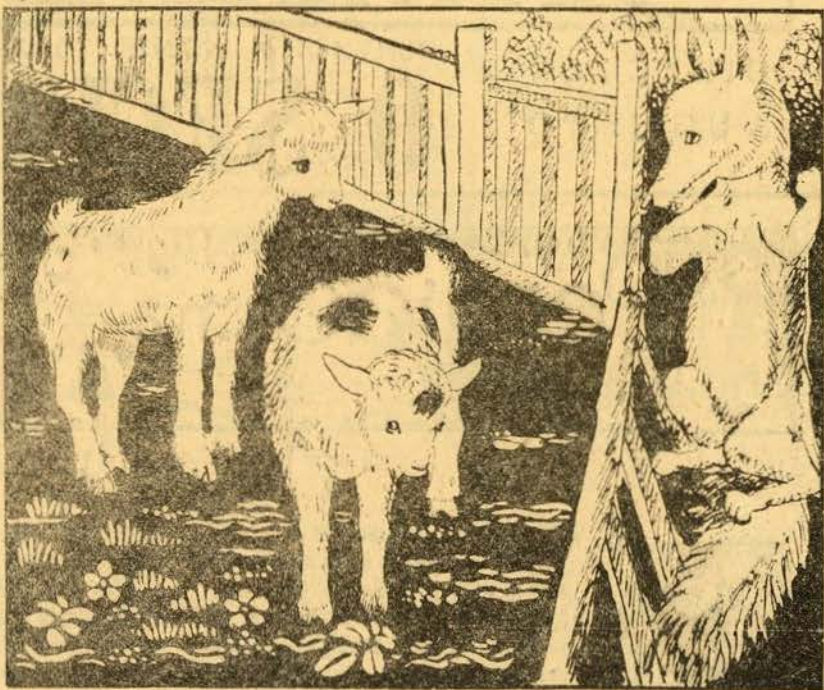
andava sempre a segui-los
e nunca arredava pé.
Mas os dois traquinas é
que nunca estavam tranquilos.

Aos saltinhos, aos pinotes,
de vez em quando abalavam,
galgando, sem muito custo,
a grade, de altos barrotes,
do curral em que habitavam.

Vivia sempre num susto,
como era, pois, natural,
a pobre Dona Cabrinha,
porque, detrás dum arbusto,
a dois passos do curral,
comadrinha
Raposinha,
de focinho
a farejar,
às vezes vinha espreitar
os traquinas e estouvados
filhos da Dona Cabrinha,
com intuits reservados,
ignorados,
dos que ninguém adivinha.



Contudo, a Dona «Mémé»
que andava desconfiada,
a-pesar-de ser dotada
de excessiva boa fé,
dizia, constantemente,
em ar de quem aconselha,



ao ver o fosforescente
olhar da Raposa velha:

— «Meninos, tomem cautela,
nunca se afastem de casa,
que a comadrinha Raposa
tem, nos olhitos em brasa,
uma cousa
com que queima,
quem ousa
chegar a ela!»

Mas eles sempre na teima,
embora sem ser por mal,
de saltitarem,
pularem
por cima de toda a parra,
ultrapassavam a barra
dos limites do curral.

Certo dia, comadrinha
Raposinha,
raposona, raposelha,
que, por ser raposa velha,
era muito velhaquinha,
com os olhos sempre em brasa,
tendo visto a mãe dos ditos,
saír, deixando os cabritos
sòzinhos dentro de casa,

aproximou-se; chamou
os travessos pequenitos
e dèste modo falou:

— «Ai pòbrezinhos cabritos,
coitaditos,
nestes dias, tão bonitos,
fechados dentro de casa!...
Até corta o coração!...
— (E, ao dizer isto, o carvão
dos seus dois olhos em brasa,
faiscava em combustão.) —
Logo, à tarde, na floresta,
junto a uma sebe florida,
vou dar uma grande festa
que vai ser bem concorrida.
Desde já são convidados
para a dança; pois então!
Dentro de casa fechados,
até corta o coração!»

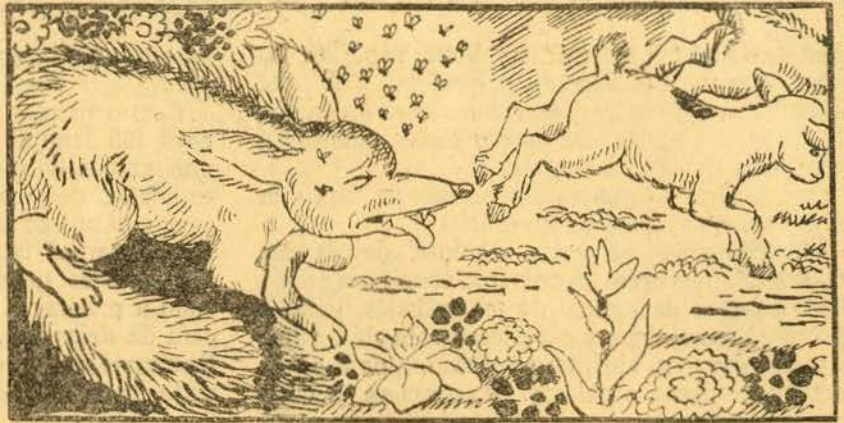
Tal ouvindo, os cabritinhos,
aos pulinhos,
ficam doidos de contentes!
E, logo, à bôca da tarde,
quando o sol já pouco arde,
ei-os, desobedientes
aos conselhos da Mãezinha,
— (a tal cabrinha

cabresta,
que fôra, com sua cesta,
fazer compras ao mercado)
a caminho da floresta,
para o local combinado.

Comadrinha
Raposinha,
de focinho
a farejar,
atrás da sebe florida,
já os esp'rava, escondida,
com o intuito de os papar.

Mas foi tal a comoção
da raposinha,
raíinha
das raposas raposelhas,
que causou um estremeção
na sébe em que se ocultara,
e que era um lindo vergel,
onde um enxame de abelhas
estava a fabricar mel.

Então,
como é de supôr,
e o leitôr
já calculara,
pois era bem de prever,
as abelhas, em cardume,
caiem sôbre a Rapozinha,
como faúlhas a arder,
quando as brasas, sôbre o lume,



que dir-se-iam apagadas,
são sopradas,
na cozinha,
pelo o abano das criadas.

Entretanto, os dois cabritos
compreendendo a cilada
que lhes fôra preparada
pela adilosa
raposa,
ouvindo os seus altos gritos,
começam rindo a bom rir,
acabando por fugir,
com asas em cada pé,
para casa da Mãezinha,
D. Cabrinha

«Mé-mé»
que, ao vê-los, numa aflição,
com as linguetas de fôra,
em risco dum esfalfamento,
lhes disse, ralhando :

— «Agora,
meninos, que esta lição
vos sirva de ensinamento!

Se tivésseis dado ouvidos
ao que eu há pouco dizia,
não estarieis como estais,
nada disto acontecia!
Devem sempre ser seguidos
os conselhos maternos!

FIM

NAQUELA noite
a tempestade
rugia forte.
O ribombar do tro-
vão imprimia ao
espectáculo um cun-
ho, verdadeira-
mente satânico.

Por vezes um raio
mais forte, rasgava,
em zig-zag, o negru-
me da noite, indo
perder-se na velha
penedia ou em qual-
quer árvore desabrigada. A completar
esta cena, ainda uma forte bâtega de
água, uma chuva torrencial, daquelas



FOLHETIM DO PIM-PAM-PUM DE MATEUS JUNIOR

Corta o espaço, uma
voz glacial em tom
de ordem : «—Quem
vem lá?! Faça alto!»
O nosso homem lar-
ga a presa e, em de-
sordenada fuga, pro-
cura abrigo, a sal-
vação, a salva-
ção, na escarpa
abrupta.

Mas uma detona-
ção seca, confundi-
da com um trovão
já longínquo, corta o

espaço e fere de morte o fugitivo.

Ouve-se uma queda, um baque surdo,
nas águas rumorejantes e barrentas do
do rio, agora, caudaloso. A tempestade
amainou. (Vide página seguinte)



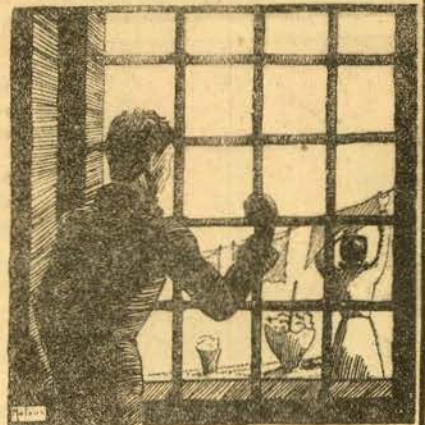
que arrastam tudo na sua passagem,
transformando o belo em desolação,
num verdadeiro caos.

No meio deste cenário, onde só os
elementos irados da natureza pareciam
entrar, caminhava um homem, ajoujado
ao-peso de enorme fardo que, pela ma-
neira como era conduzido, devia ser
precioso.

Distinguia-se a massa pardacenta do
seu corpo, caminhando como quem re-
ceia maus encontros.

E, afinal, tinha razão em andar assim,
ora correndo ora parando. E' que a dois
passos dali, erguia-se o pôsto onde os
guardas, de olhos vigilantes, perscrutan-
do a escuridão, estavam prontos ao pri-
meiro sinal, para a investida. Mais cam-
inho andando e o nosso homem estaria
salvo!

O rio corria ali perto, onde um bote
o esperava para, depois, encetar viagem,
corrente abaixo, em busca dum porto de
abrigo, a Aldeia Nova.



PERDIDOS NA FLORESTA *(Continuação da pag. 1)*

irmão e combinaram sair, na noite seguinte, do palácio, muito em segredo e irem até à floresta procurar os génios, que eles sabiam ser uns anões-zinhos muito ágeis, que faziam rodas, pulavam e brincavam até de madrugada.

Que alegria se conseguissem sair de casa sem serem vistos, e como se divertiriam!

Efectivamente, na noite seguinte, depois dos criados adormecerem, os dois irmãos, um pouco nervosos mas decididos, de mãos dadas, sapatos ao ombro, caminharam cautelosamente até á porta e, muito devagar, abriram-na e saíram para o jardim que rodeava o palácio. Sentaram-se no chão e calçaram-se; quando se levantaram, viram junto de si Leão, o grande cão de guarda, que lhes fazia festas e se preparava para os acompanhar. José, então, disse-lhe: — Meu amigo, tens que ficar, pois nós vamos ver os génios da floresta e, se tu fosses conosco, serias capaz de os afugentar; portanto, fica aqui. Obediente, o cão ficou olhando-os tristemente, até que os viu transpôr o muro do jardim. Logo que se viram livres, começaram a correr e, dentro em pouco, estavam na floresta. A Lua, muito redonda, ora aparecia, ora desaparecia por entre a folhagem das árvores, e estas pareciam pessoas muito altas e esguias que lhes estendiam os braços.

Cheios de medo, quizeram retroceder; mas, como não conheciam a floresta, perderam-se e cada vez se embrenharam mais, até que, cansados de correr, viram, a uns vinte metros de distância, duas luzes que avançavam para eles. Horrorizados, conheceram que era um lobo e começaram a gritar, mas as luzes não se afastavam e os pobres pequenos só tiveram tempo de trepar a uma árvore, onde passaram uma noite horrível, pois o

lobo não se afastava e, nívando, lugubrememente, esperava que descessem e lhe servissem de ceia.

Com o romper da aurora, o lobo foi para o seu covil tão faminto como tinha vindo; as sombras, que tanto os tinha amedrontado, desapareceram, e os nossos heróis não viram os tais génios, que os tinha levado a praticar a loucura de deixarem, furtivamente, a sua casa, onde podiam ainda



estar regaladamente dormindo nas suas caminhas.

Não se atreviam, porém, a deixar a árvore, tal o susto em que ainda estavam!

De manhã, o velho criado ficou admiradíssimo de ver a porta apenas encostada, mas pensou que tinha sido esquecimento seu e ficou muito arre-

Uma facha luminosa, de lanterna, risca a escuridão num movimento quasi uniforme, cadenciado com os passos do seu portador.

Os companheiros dêste, seguem á frente e a marcha é acompanhada de palavras sarcásticas revelando a indiferença pela vida dum homem que, vítima da sua árdua e criminosa profissão, deixou de existir.



II

A notícia correu célere na Aldeia Nova.

«—Morreu o contrabandista! Morreu o contrabandista!» E em volta dêste candongueiro contavam-se as patranhas mais absurdas com características de lenda, poetizada pelas afirmações dum venerando ancião de barbas da cor do linho, o ponto onde mais se falava e onde os comentários tocavam a raia de heroísmo do contrabandista, era a taberna do Ti Romão, uma espelunca servindo de coio a todos aqueles que se dedicam ao perigoso «negócio» da caudonga.

O Ti Romão é uma dessas pessoas de vida obscura. Mas podia-se afirmar sem recelo de erro, que tinha uma consciência elástica, moldável a poder de dinheiro.

O seu rosto rubicundo e de poucos amigos é sulcado de profundas cicatrizes que atestam bem quão turbulenta fôra a sua mocidade.

Foi contrabandista como muitos outros. Mas, um dia farto de tal vida, tendo um razoável pecúlio, ganho á custa de economias resolveu montar a sua venda e viver, assim tranquilamente o resto da sua existência.

Pela sua esplêndida situação, a taberna

do Ti Romão era a preferida dos contrabandistas.

Entremos nessa espelunca imunda, nêsse arraial dos viciosos do alcool. Um tosco balcão serve de guarda a umas prateleiras cheias de garrafas vazias e aos tuneis negros a poder de tanta sujidade.

A casa regorgita de fregueses, «a bela freguesia» como diz, com um sorriso presenteiro, o seu dono.

Fala-se muito ali e bebe-se muito mais.

Deixemos êstes turbulentos alcoólicos discutindo, acaloradamente, a morte do contrabandista e entremos na sala contígua, vedada por um reposteiro de cor indefinível, cheio de nódoas gordurosas.

O compartimento, embora pequeno, é suficiente para as pessoas que abancam em volta duma mesa onde bruxoleia a luz duma vela que tem, por castiçal, uma garrafa em desuso e coberta de pó.

A luz pálida e tremulante da vela, ergue-se um homem que, após breve silêncio, então, com a gravidade dum juiz, as seguintes palavras: «Alberto, teu pai morreu no seu posto.

(Continúa no próximo número)

liado. Neste momento, a criada, que tinha por hábito acordar os meninos, para que se levantassem cedo, apareceu, muito enfiada, dizendo que os pequenos não estavam no quarto, nem no palácio.

O bom velho, muito aflito, não sabia onde os ir procurar, quando, em seu auxílio, veio o Leão, que, aproximando-se dele, parecia querer dizer-lhe alguma coisa. O inteligente animal dirigiu-se ladrando para o muro do jardim, e o velhote, seguindo-o, viu as pégadas que os pequenos tinham deixado no chão. Então, veio-lhe á lembrança que as crianças teriam ido para a floresta.

Chamou mais três criados, armaram-se de paus e, precedidos pelo Leão, caminharam durante umas duas horas por entre êsse dédalo de árvores, até que o cão estacou, ladrando alegremente.

Levantando a cabeça, viram os dois irmãos, que ainda se conservavam sôbre a árvore, e os chamava.

Rindo e chorando de alegria, o criado que lhes queria muito, ajudou-os a descer, beijou-os muito ternamente e nem forças teve para os repreender, pois os pequenos estavam todos rotos e tão fracos, que os criados tiveram que os levar ao colo para casa.

Nesse dia não se levantaram; sobreveio-lhes febre e foi preciso chamar-se o medico, que declarou não ser grave o seu estado.



Receitou-lhes um calmante, pois os pequenos estavam muito nervosos, devido ao susto que tinham apanhado, e aconselhou o velho criado a mandá-los para um colégio, onde se instruissem, para que, na sua ignorância, não cometessem mais erros desta espécie.

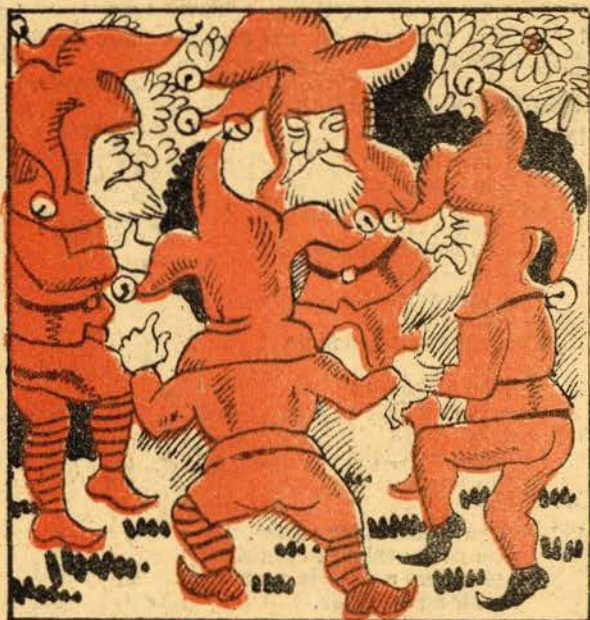
E fez-lhe ver que a fortuna sem a instrução, nada vale. O dinheiro só tem valor depois de se adquirir uma educação sólida. Fugamos dos ricos ignorantes. Quanto mais não vale um rapaz sem fortuna, mas com instrução?!

Finalmente, José e João foram para a cidade mais próxima, onde se formaram, e voltaram a sua casa já homens, para tomar conta do governo do palácio.

Muitas vezes, ao serão, junto do velhito que os criara, relembavam o passeio á floresta, o medo que os tinha assaltado e a noite passada sôbre a árvore, tudo devido á sua ignorância.

Meus meninos, instruí-vos, porque a instrução é o pão do espírito.

F I M



CORRESPONDENCIA

M. Monteiro — Vou responder, pela sua ordem, às perguntas que me fazes:

a) — Com 15 anos feitos, ainda estás a tempo de entrar no Concurso.

b) — Os trabalhos literários devem ser enviados ao Snr. Santa-Rita.

Antonio Maria Roque — Portalegre — O teu desenho é muito interessante mas tem o defeito de

ser copiado. Faz originais e conta comigo para os vêres publicados no «Pim-Pam-Pum».

A. Loureiro de Sá — Corilhã — Embora te falte dizer a idade, os teus desenhos foram para a bicha. E com respeito ao Concurso? Ficaste tão satisfeito e não apareces?

Sidónio Nunes Dias — Vila Franca de Xira — Embora muito bem feito, o problema que enviaste é de um género tão explorado que estão cá, por publicar, algumas dezenas deles. Para qualquer outra coisa estou ao teu dispôr.

Tio Tónio

1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

AVISO A TODOS OS LEITORES E CONCORRENTES CONDIÇÕES DO CONCURSO

- 1.ª — Todas as semanas é publicada uma série de adivinhas e charadas, sendo os concorrentes obrigados a enviar *peelo menos dez* decifrações.
- 2.ª — Os decifradores de *cinco séries seguidas*, figurarão num **Quadro de Honra** e terão direito ao sorteio de 3 livros de contos.
- 3.ª — As decifrações deverão ser-nos remetidas numa folha de papel, *escrita de um só lado*, trazendo ao alto o *nome completo, pseudónimo e morada* do concorrente. Também podem vir num *bilhete postal* desde que satisfaçam as condições anteriores.
- 4.ª — O retrato, que *só deve ser enviado a nosso pedido*, deverá ser bastante nítido e trazer no verso (nas costas), *nome, morada e pseudónimo*.
- 5.ª — Os problemas e charadas que nos queiram enviar para publicar, devem vir em papéis pequenos, com uma charada ou problema em cada papel, escritos de um só lado e com o pseudónimo do autor.

No próximo número publicaremos em Quadro de Honra o nome dos concorrentes com direito a sorteio das séries VI a X e VIII a XI, bem como o resultado do sorteio dos concorrentes da série V a IX, o que, por absoluta falta de espaço, não podemos fazer neste número.

XIII Série

CHARADAS EM FRASE

- 1.ª — Este *desporto*, oferece um bom peixe. 2-1
Pim-Pão
- 2.ª — Já que me *cumprimenta* permita-me que lhe *ofereça* esta flôr. 3-1
Alfredo Lopes Cascais
- 3.ª — Foi *aqui* nesta *serra portuguesa* que encontrei o marisco. 1-2
Camarão
- 4.ª — A *piedade* faz com que o *ocean* se submeta. 1-1
Zécalculos
- 5.ª — Este *cabelo branco*, nota que foi *aqui* deixado por um calvo. 1-1-1
Berimbau

CHARADAS SINCOPADAS

- 6.ª — Este *salteador* pertencia a uma enorme *quadri-lha*. 3-2
D. Quixote-Ivo Farrusco
- 7.ª — Vi esta *planta* perto do *jogo de bilhar*. 5-2
D. Quixote-Ivo Farrusco
- 8.ª — Um homem *sossegado* vale mais que um *palmi-pede*. 3-2
Zécalculos

CHARADAS DUPLAS

- 9.ª — Nesta *pequena quinta* está uma *medida*. 2
Barbaroch
- 10.ª — Esta *mulher* é mesmo uma *flôr*. 4
Um rival de Texas

CHARADAS AUMENTATIVAS

- 11.ª — O homem escreveu o *poema* nesta cidade *Chl-nesa*. 2
D. Quixote
- 12.ª — O cão *uiva* por causa do *meliante*. 2-2
Dr. Cenoura

CHARADAS ELECTRICAS

- 13.ª — E' *sempre tinta*. 4.
Delfina Pitorra

- 14.ª — Peça por tudo que me *auxillem* nesta *região Africana*. 3
El-Magrito

CHARADAS COMBINADAS

- 15.ª — + ta = busca
— ta = do leite
— ta = mentira
Conceito — peça de mobiliário
Sir Fantasma
- 16.ª — + to = mencionado
— to = ligo
— to = vestuário
— to = advirto
Conceito — transparente
Arséne Lupin
- 17.ª — + bo = gordura
— bo = palhaço
— bo = fera
Conceito — vegetal
El-Bravo

ADIVINHAS

- 18.ª — A terra tem cinco partes.
Sem mim, nenhuma existia!
Até mesmo a própria terra
Existir nunca podia.
Eu ando por toda a parte,
no mar, na serra e no val;
Até existo no ar,
No Bem, não; mas sim no mal!
El-Diabito

Para ser incluído no número dos concorrentes com direito ao sorteio é necessário decifrar *peelo menos dez* charadas das que acima publicamos. Estas decifrações deverão estar em nosso poder até as 6 horas da tarde do dia 19 de Novembro (sábado).

TIO TÔNIO
Rua do Seculo, 43
L I S B O A

Solução das Charadas e Adivinhas publicadas no n.º 353 (XI Série)

- | | | |
|-----------------------------------|------------------|---|
| 1.ª — Chacais | 8.ª — Sossego | 15.ª — Cactro (ou cacto) <i>vide Dicionário A. Moreno</i> |
| 2.ª — Castigado, maltratado, etc. | 9.ª — Rosario | 16.ª — Casamento |
| 3.ª — Tareco | 10.ª — Relá | 17.ª — Bebedouro |
| 4.ª — Carapau | 11.ª — Fado | 18.ª — Cábula |
| 5.ª — Dinamarca | 12.ª — Pantaleão | 19.ª — Casacão |
| 6.ª — Lagosta | 13.ª — Maçado | 20.ª — Caminho |
| 7.ª — Fatta | 14.ª — Cavala | |

DUAS SORTES DE PRESTIDIGITAÇÃO PARA OS MENINOS COLORIREM



DIZ-SE ao *respeitável público* que se vai fazer desaparecer uma moeda de meio tostão, sem que ninguém dê por isso.

1.º — Para que não fiquem acreditando que se trata de algum <truc> arregaçam-se as mangas até ao cotovelo.

2.º — O prestidigitador, ou seja a pessoa que faz a partida, coloca-se, sentado a uma mesa, em frente do público, que está do outro lado da mesma mesa.

3.º — Assenta o cotovelo do braço esquerdo, sobre a mesa e a mão no pescoço. O outro braço e a outra mão ficam livres para poder actuar.

4.º — Segura-se a moeda entre a ponta dos dedos da mão direita, esfrega-se esta, pelo braço esquerdo, energicamente.

Passado um momento, sacodem-se os dedos da mão direita e, com grande espanto dos assistentes, a moeda desapareceu como que absorvida pelo braço...

Como foi isto? Vamos explicar.

Quando se esfrega a moeda no braço, vai-se conversando sobre o assunto com o público, com a maior naturalidade.

Depois, solta-se a moeda dos dedos, como que por acaso, e, desculpando-se com a humidade do tempo e outras coisas, coloca-se novamente sobre o braço.

Executa-se esta manobra ainda outra vez, apanhando sempre com a mão direita.

A' terceira ou quarta tentativa, ainda muito naturalmente, apanha-se a moeda com a mão esquerda, fugindo com a direita, que se coloca assente no braço como de costume, afectando este gesto, para dar maior ilusão.

Esfrega-se ainda um pouco, o tempo suficiente para colocar com a *mão esquerda* a moeda na gola ou no colarinho, sem que ninguém dê por isso.

Sacodem-se as mãos e... está feita a sorte de prestidigitação, com grande espanto dos irrmãozitos meídos e até dos adultos...

Como estamos ao serão vamos entreter a família com uma experiência física a que poderemos dar, também, o nome de sorte de prestidigitação, tão fantástico é o efeito produzido.

Pega-se num garfo inteiramente metálico, ferro, prata, etc., e numa faca e vamos proceder à nossa nova experiência.

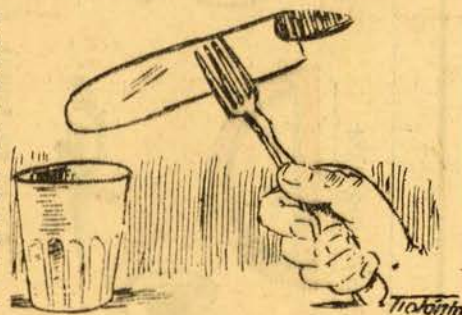
Vamos transportar o som, numa mão fechada, para dentro de um copo ou mesmo para um canto da casa.

Atenção!

Pondo a faca na mão direita, com o dedo polegar aperta-se os dentes do garfo, de forma a fazê-lo vibrar e a produzir um som.

Depois, logo a seguir, leva-se a mão fechada até a

um copo que deve estar a meio metro de distância aproximadamente. Sobre o copo, abra-se a mão e as pessoas presentes terão a ilusão de que ouvem distintamente dentro do copo, o som, muito ampliado, produzido pela vibração do garfo.



Para o canto da casa, faz-se o gesto de arremeçar o som e, depois de um espaço de tempo conveniente, ouvir-se-há, ou antes, ter-se-há a ilusão de ouvir nesse ponto o som do garfo.

Como se procede? Vamos explicar.

A mesa sobre a qual se faz a experiência tem de ser de madeira e não deve ser coberta com qualquer pano.

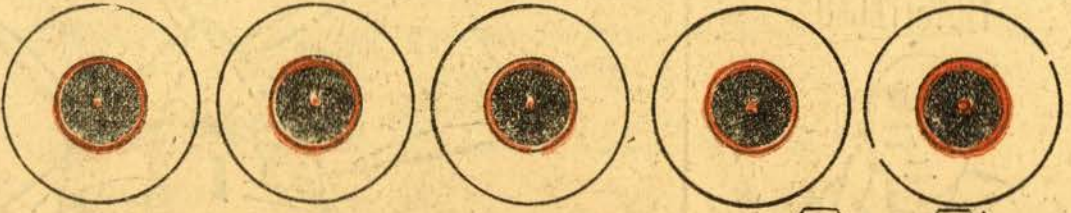
Apoia-se-lhe a mão que segura o garfo, de forma a que o cabo do mesmo fique a pequena distância da mesa, mas não encostado.

Quando se produz o som do garfo com a faca, tal como acima dizemos, conserva-se este a pouca distância da mesa e só se toca nesta, quando se abre a mão sobre o copo.

O som da vibração do garfo é ampliado ao tocar na mesa, dando, dessa forma, a ilusão de que este facto sucede no copo.

Da mesma forma, ao canto da casa, a ilusão é perfeita, contanto que se lhe dê o espaço de tempo que corresponda à chegada do som a esse canto...

Rodas

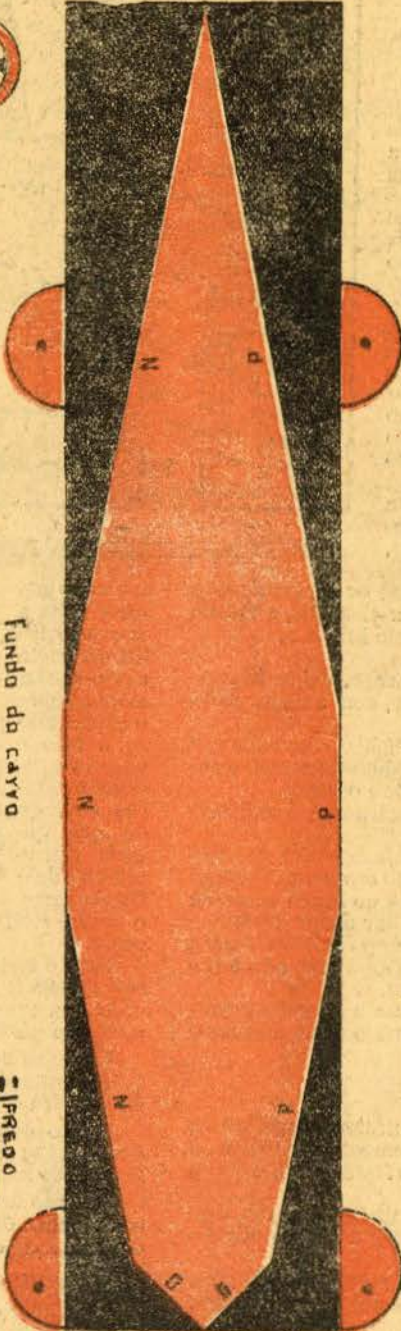


Vante (3)

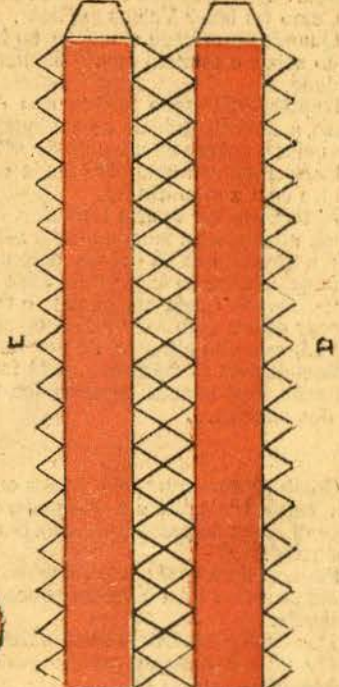
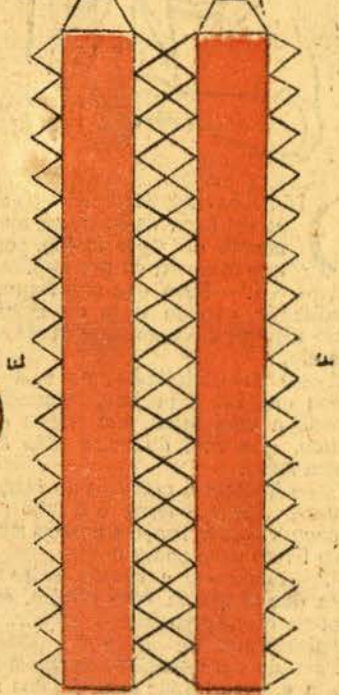
Rodas



H



Fundo da cayo



Recortar
Paya-Brise (G)



Q



R

Suplemento Inf. do "Seculo"
PPPI

FERRAO
NUNES
1911

S-1932